

SILVA, Leila Rodrigues. O discurso eclesiástico e a marginalidade: considerações sobre normas de conduta cristã nos *Synonymorum libri duo* e *Sententiarum libri* de Isidoro de Sevilha. OLIVEIRA, Terezinha et VISALI, Angelita. (Org.) *Cultura e Educação. Ética e Ação Política na Antigüidade e na Idade Média*. Vitória da Conquista: EUSB, 2007. p. 311-321.

O discurso eclesiástico e a marginalidade: considerações sobre normas de conduta cristã nos *Synonymorum libri duo* e *Sententiarum libri* de Isidoro de Sevilha¹

Leila Rodrigues da Silva – UFRJ

Concomitantemente ao estabelecimento dos reinos germânicos, as autoridades religiosas locais buscaram reorganizar e fortalecer as instituições eclesiásticas. A despeito da existência de igrejas “nacionais”² com realidades próprias, estratégias comuns foram adotadas nos vários reinos visando a consolidação daquelas unidades propagadoras do cristianismo. O reconhecimento de que, como parte de tal fortalecimento, a ampliação do número de fiéis e um intenso trabalho de instrumentalização dos clérigos eram imprescindíveis, estimulou a redação de um significativo volume de textos. Esta produção intelectual, resultado das reflexões e ações das autoridades eclesiásticas, composta de materiais como atas conciliares, sermões, cartas, obras moralizantes, regras monásticas e hagiografias, revela nuances do processo de afirmação da ideologia cristã nos reinos constituídos, ao que se vinculou a indicação de um conjunto de normas de comportamento às populações cristãs. O referido conjunto, cabe salientar, não se encontra sistematizado ou claramente indicado como tal em nenhuma das obras escritas no período, a identificação de suas partes depende, portanto, de um esforço analítico de um extenso *corpus* documental produzido no período em questão.

¹ Este texto se relaciona diretamente ao curso “O discurso eclesiástico, a marginalidade e a assistência espiritual: aspectos de um projeto normatizador da sociedade medieval”, ministrado no *V Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do Paraná e Santa Catarina*. Aqui, entretanto, optei, considerando a abrangência do conjunto tratado naquela oportunidade, por abordar uma de suas nuances. Identifiquei nesse encaminhamento uma forma de me manter fiel à temática central anunciada para o curso, concomitantemente à possibilidade de melhor aprofundar um dos seus aspectos.

² A referência à “Igreja” no contexto dos reinos germânicos deve ser compreendida como menção a uma instituição em processo de organização. Como tal, não dispõe de unidade ou homogeneidade absoluta. Nessa linha de raciocínio, cabe sublinhar que possuía especificidades em relação aos mais diversos aspectos constituindo-se, em um certo sentido, de modo singular em cada reino. Não existia, pois, uma Igreja universal, tal como a que se configurou a partir do século XI. Em contrapartida, insistimos na existência de elementos comuns às várias “Igrejas Nacionais”, como nomeou Le Goff, segundo os quais, à luz de uma tradição cultural partilhada, seu episcopado, por exemplo, atuou em uma mesma direção, adotando, inclusive, estratégias semelhantes no trabalho de cristianização desenvolvido nos vários reinos. Sobre tais questões. Cf. MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. La implantación del cristianismo en una Europa en transición (c. 380 - c. 843). In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la (Coord.). SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES, 7, 1996. *Actas...* Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1997. p. 197-215 e LE GOFF, Jacques. El Cristianismo Medieval en Occidente desde el Concilio de Nicea (325) hasta la Reforma (Principios del siglo XVI). In: PUECH, Henri-Charles (Dir). *Las Religiones Constituidas en Occidente y sus Contracorrientes I*. Madrid: Siglo XXI, 1981. (Historia das Religiões, 7). p. 95-103.

Considerando que a complexidade desse processo não se constitui como objeto a ser apreendido em sua totalidade nos limites de um texto como o ora apresentado, interessa-nos aqui analisar aspectos relacionados às recomendações presentes em dois dos escritos de Isidoro de Sevilha, bispo hispânico do século VII, *Synonymorum libri duo* e *Sententiarum libri*, de determinadas práticas associadas a valores propagados como inerentes ao cristão.

Aproximações ao objeto

Há que destacar que o objetivo ora anunciado não estabelece como pressuposto a admissão de que o recomendado por Isidoro fora aceito pelos cristãos como parâmetro comportamental. Além de sabermos que pode ser muito grande a distância entre o que o discurso eclesiástico prescrevia e o que, de fato, era experimentado pelas populações, não dispomos de instrumentos para a aferição deste hiato. Na verdade, o sucesso ou não de iniciativas disciplinadoras como a que pode ser depreendida da leitura das duas obras do bispo de Sevilha não se constitui como objeto do nosso interesse, como voltaremos a lembrar adiante.

Ao aprofundamento de nossas reflexões relacionam-se de forma direta algumas conclusões prévias sobre ideologia, marginalidade e assistência espiritual. Da ideologia devemos notar que, quando é hegemônica, busca se manter em tal condição. Neste intuito, desqualifica proposições que representem algum desafio, ainda que não o faça necessariamente de modo explícito ou sistemático. Como parte do mesmo encaminhamento, favorece certos valores propalados como naturais, universalizantes e inequivocamente verdadeiros. Assim, estabelece um conjunto de “verdades”, transformando toda a realidade que lhe é externa em desvio, erro ou mentira. (EAGLETON, 1997, p. 19). Ao relacionarmos esta postura com o tema abordado no presente texto, podemos afirmar que as autoridades eclesiásticas, ao compartilharem os mesmos anseios e preocupações, em conformidade com a ideologia hegemônica que buscam reproduzir, almejam uma dada conduta para os cristãos, identificada como correta.

Em relação à marginalidade, embora não possamos desprezar toda a reflexão realizada no campo da História que marcou a década de 70, inclusive pela instituição de novos objetos, entre os quais o marginal se apresentava, não nos interessa torná-lo o centro das nossas atenções. Ou seja, daquelas perspectivas abertas ao historiador, valorizamos sobretudo as que nos permitem consciente e deliberadamente identificá-lo como idealização. Na análise da documentação não desejamos recuperar o marginal real, cuja voz poderíamos eventualmente auscultar. Tencionamos, à luz das novas orientações teóricas e metodológicas propostas no bojo do movimento de renovação da História, compreender um pouco mais sobre a lógica do processo de argumentação, que pode evidenciar valiosos matizes do pensamento dos que escreveram e, portanto, da ideologia hegemônica. Em suma, importa-nos identificar o marginal como fora idealizado, o que certamente se vincula muito mais à visão de mundo e à lógica do seu artífice do que a personagens históricos concretos.

Quanto à assistência espiritual, devemos lembrar que, em um contexto de cristianização, uma vez identificadas as práticas classificadas como adequadas, caberia a oferta, aos que delas se afastassem – incorressem, portanto, em pecado -, de mecanismos que garantissem o resgate e a conseqüente salvação e vida eterna. A assistência se faz, assim, voltada às necessidades que os eclesiásticos julgavam possuir os

que serão atendidos. Para estes são, portanto, indicadas penitências, realizadas admoestações e recomendadas orações.

Isidoro de Sevilha, *Synonymorum libri duo e Sententiarum libri*³

Isidoro nasceu, provavelmente em Cartagena, entre os anos de 560 e 570 e faleceu em 636 (FERRÁNDIZ ARAUJO, 2003, p. 27).⁴ Educado pelo irmão, Leandro, recebeu e desenvolveu estima pelas tradições clássica e patrística. Sua atuação, como bispo de Sevilha, a partir de 600 (Idem, p. 28), é marcada pela influência que exerceu sobre alguns dos monarcas visigodos,⁵ assim como pelo esforço de organização da instituição eclesiástica na Península Hispânica. Nesse sentido, escreveu diversas obras⁶ e presidiu, influenciando de forma contundente, os concílios II de Sevilha (619) e IV de Toledo (633). Sua erudição, colocada sobretudo a serviço da Igreja, e sua participação nas questões políticas do reino são dados inquestionáveis de sua biografia.

Escrito entre os anos de 610 e 615, segundo Jacques Fontaine, *Sinônimos*, que teria sido influenciado por proposições de autores clássicos (1986, p. 180), é um dos expoentes da espiritualidade cristã medieval (p. 164). Redigido em uma linguagem acessível aos leitores (VELÁZQUEZ SORIANO, 2003, p. 196) e repleto de frases sinônimas, trata-se de um diálogo entre o Homem e a Razão, dividido em dois livros. O Homem, sobretudo no primeiro livro, aparece como um ser desesperado, que lamenta pelos muitos sofrimentos de que padece, expõe seu desencanto com a vida e fala dos seus medos e arrependimentos por atos cometidos. A Razão, atenta ao desabafo, aconselha e repreende, ressaltando a pertinência dos castigos que, por vontade divina, impõem-se como possibilidade de salvação ao pecador.

No segundo livro, embora o diálogo se mantenha, pertence à Razão o papel de incontestável destaque, cabendo ao Homem apenas brevíssimas intervenções. Aqui, ao longo de várias páginas, a Razão, em tom quase autoritário, discorre sobre o poder de Deus, os vícios e as virtudes e encerra com um estilo ameaçador, salientando a responsabilidade do Homem pelas escolhas a fazer. Este, ao final do escrito, agradece as orientações.

Ao longo de todo o diálogo, a associação entre verdade e prática cristã é recorrente. Em uma das passagens, a Razão dirige-se ao Homem nos seguintes termos: "Esta enfermidade [mal-estar diante da vida] é culpa sua ocasionada pela iniquidade. Acreditas em outra coisa?" O Homem responde: "(...) nada tenho que contradizer. Cedo à verdade (...)" (Sin., p. 20). Além de se reconhecer como errado, o Homem insistentemente solicita ajuda à Razão com o fim de superar o estado em que se encontra: "Incorri em ruína por minha negligência (...) salva pois minha alma cativa dos infernos". Com esse recurso, Isidoro, por meio da Razão, fornece orientações detalhadas e incisivas sobre a conduta cristã ideal frente às mais variadas circunstâncias, mesclando ponderações sobre vícios e virtudes. Abordando aspectos vinculados à sexualidade, ao

³ A partir deste ponto, nomearemos a primeira obra por "Sinônimos" e a segunda por "Sentenças". Nas referências adotaremos respectivamente as abreviaturas "Sin." e "Sent."

⁴ As datas referentes ao nascimento e elevação ao episcopado não são aceitas consensualmente pelos estudiosos. Cf. FERRÁNDIZ ARAUJO, Carlos. Isidoro de Sevilla. In: GONZALEZ FERNÁNDEZ, Julián. (Coord.). *San Isidoro: doctor de las Españas*. Sevilla, León, Cartagena: Caja Duero. Fundación Cajamurcia. Fundación El Monte, 2003. p. 9-42, p. 27-28.

⁵ Recaredo, Sisebuto, Suintila e Sisenando.

⁶ Entre outras, destacam-se: *Historia Gothorum, Vandalorum, Sueborum; Etymologiarum Libri; De fide catholica contra judaeos; Liber numerorum, e De ecclesiasticis officiis*.

ócio, à humildade, à ira, à paciência, à tolerância, à inveja, à maledicência, ao jejum, entre outros, veicula pois valores prezados pelo cristianismo.

De acordo com Ismael Quiles (1965, p. 68) e Serafin Bodelón (1989, p. 25), as *Sentenças* é, depois dos *Etimologias*, o trabalho mais completo de Isidoro. Caracterizamo na seqüência como um intento de Suma Teológica, ainda que muito mais simples do que a obra que, séculos depois, escreveria Tomás de Aquino. Entre as principais influências presentes neste documento, estão as oriundas do texto bíblico, de *Moralia in Job* de Gregório Magno e da tradição patrística (RECAREDO GARCIA, 1980, p. 48).

Não existe consenso acerca da data em que tal obra fora escrita (Idem, p. 45), embora o responsável pela edição bilíngüe por nós utilizada não hesite em atribuir sua redação ao período compreendido entre os anos de 612 e 615 (CAMPOS et ROCA, 1971, p. 216).

Composto por três livros, o texto forma uma unidade, apesar da qual nos é dada a possibilidade de identificação de cada um deles em função de suas mais marcantes características. Assim, poderíamos aplicar ao primeiro a denominação de dogmático, ao segundo a referência de ascético-moral e ao terceiro associaríamos sobretudo uma orientação prática (Idem, p. 216-217). Em relação especificamente aos temas que tratam, o primeiro se dedica a dissertar sobre Deus, o tempo, Cristo, o mundo, o mal, os anjos, o Homem, o Espírito Santo, os hereges e pagãos, entre outros pontos. No segundo, são abordados assuntos como a sabedoria segundo Deus, a graça, o processo de conversão, o pecado, a mentira, os vícios e as virtudes, entre as quais são recordadas em mais de uma oportunidade a soberba, a luxúria e a gula. No último livro, são ressaltados o castigo de Deus, as tentações do diabo, a importância da oração e da leitura e alguns vícios, como a ira e a inveja.

Das motivações à sua redação, há que salientar a preocupação em fornecer conhecimento aos clérigos. Sua utilização é atestada por vários séculos após sua redação entre os que estudaram Teologia (QUILES, 1965, p. 68). Trata-se, pois, de um manual dogmático, moral e ascético, com uma linguagem didática e impessoal. Nesse sentido, torna-se curioso lembrar que o próprio Isidoro vincula o termo "sentença" à noção de verdadeira sabedoria (CAMPOS et ROCA, 1971, Sent. II, 29, p. 357). A despeito do destinatário imediato e dos objetivos conscientemente assumidos pelo autor, a obra em questão nos fornece referenciais preciosos à compreensão do pensamento do bispo de Sevilha acerca, entre outras expressões, do comportamento idealizado aos cristãos.

Considerando em particular o aspecto anteriormente aludido, poderíamos afirmar que, apesar do texto das *Sentenças* ser mais denso e extenso que o dos *Sinônimos*, bem como, a despeito das diferenças concernentes aos objetivos mais usualmente atribuídos a cada uma dos dois textos e dos distintos estilos, ambos se assemelham. Ou seja, concomitantemente à divulgação de ensinamentos cristãos variados e à valorização da onipotência e sabedoria divinas, as obras *Sinônimos* e *Sentenças* dedicam considerável atenção aos mesmos temas, entre os quais sublinharemos a luxúria, a gula e a soberba, abordadas em seus segundos livros.

A opção pelo enfoque dos referidos temas decorre, por um lado, da impossibilidade de abordagem de todos os pontos comuns aos dois escritos. Dada a natureza das temáticas eleitas, por outro lado, devemos justificar tal encaminhamento pela oportunidade de, no uso da abordagem comparativa, enfatizarmos a organicidade que marca o conjunto das duas obras, já que os três elementos, independentemente do fato de constituírem parte deste ou daquele escrito, dialogam, complementam-se e se auto-referenciam.

O tratamento conferido à luxúria, à soberba e à gula, nos *Sinônimos* e nas *Sentenças*

As ponderações relacionadas à luxúria nos *Sinônimos* são feitas a partir de comentários sobre a fornicação e castidade (Sin., p.33-35). O tema inaugura o segundo livro, que como já vimos, caracteriza-se pela predominância, no diálogo estabelecido entre o Homem e a Razão, desta última. A questão se coloca como a primeira, entre as tratadas pela Razão ao aconselhar o Homem. Esta lhe adverte, pois, em poucas linhas, mas de modo contundente, sobre a imperiosa necessidade de que o Homem se afaste da fornicação. Seus argumentos invocam o desespero, ao afirmar que é preferível a morte do que o se manchar pela incontidência. Segundo suas palavras, a continência aproximaria o Homem de Deus e, no sentido contrário, a sensualidade o levaria ao inferno. Ao reconhecer as dificuldades frente aos desejos da carne, recomenda que o pecado seja afastado com a lembrança da morte, após a qual os tormentos do inferno poderiam estar aguardando.

Pelo próprio estilo das *Sentenças*, não apenas a luxúria é tratada com mais vagar do que fora nos *Sinônimos*, mas todos os demais temas eleitos também. Apesar dos trinta e nove parágrafos dedicados ao assunto, não são introduzidas muitas variantes no seu enfoque. Isidoro insiste em alguns poucos pontos sobre os quais disserta, tendo como estrutura a divisão em dois blocos subtemáticos, muito semelhante à adotada na obra anterior: fornicação (Sent., c. XXXIX, p. 376-381) e continência (Sent., c. XL, p. 382-385).

Ao se reportar especificamente à continência, salienta a virgindade como indicação de pureza máxima, estado superior da castidade, e caminho seguro para a proximidade de Deus. Embora já tivesse mencionado a questão, aqui de forma mais apurada, trata do corpo e da alma como instâncias articuladas e complementares, ainda que, em um certo sentido, independentes. Ressalta, pois, a possibilidade de corrupção de uma e perdição da outra, ao recordar que, a despeito da manutenção do estado carnal virginal ou do distanciamento de qualquer prazer físico, o cristão por sua conduta diante de outras tentações poderia ter sua salvação garantida ou perdida. Ainda no que se refere à sexualidade, indica sua filiação a Paulo ao mencionar o casamento (I Cor 7:9). A esta instituição atribui mérito, entretanto, apenas pela sua dimensão procriativa. Estabelece assim uma escala segundo a qual o estado ideal, garantia de maior afinidade com Deus, seria o da virgindade, seguido pelo da castidade e posteriormente do matrimônio realizado com o fim exclusivo de engendrar filhos (Sent., c. XL, 3, p. 384).

De acordo com sua argumentação, o pecado da luxúria manifestar-se-ia em conjunto com a soberba, estando um vinculado ao outro. O mais antigo exemplo de tal conexão nos teria sido dado na ocasião em que o primeiro homem, após ter sido tomado pela soberba, sucumbira à paixão carnal. Desde então a estreita relação entre soberba e luxúria teria se estabelecido. Ainda à articulação entre as duas estaria associada a ação do diabo e seu domínio do Homem. Este, sob o estímulo do mal, não apenas pecaria mas jactar-se-ia por tal prática, tornando-se, mais pela luxúria do que por qualquer outro vício, escravo do diabo que, consciente das fragilidades humanas, buscaria eliminar a castidade da alma (Sent., c. XXXIX, 22, p. 381). Corpo e alma perdidos: o primeiro pela luxúria, o segundo pela soberba (Sent., c. XXXIX, 5, p. 377). A determinação na busca da correção, por vezes destacada como algo de difícil alcance, foi estimulada por Isidoro, assim como fizera nos *Sinônimos*, com a lembrança dos tormentos do inferno (Sent., c. XXXIX, 23, p. 381).

Para tratar da soberba, nos *Sinônimos*, Isidoro aborda pontos relacionados à humildade e, em linhas gerais, atém-se a conselhos generalizantes sobre como o cristão deveria evitar a ostentação, os elogios e as glórias pelos bons feitos. Seu fio condutor refere-se ao quão desejável constituir-se-ia a condição de humildade, tendo sido em decorrência de sua ausência que o Homem errou. Indica-lhe, pois, o *status*, como no texto bíblico (Eclo 10, 14-15), de princípio de todos os pecados, pois distanciou criatura e Criador. Assim, ao evitar a soberba, o cristão estaria em situação de arrependimento, de submissão, de reconhecimento da verdadeira autoridade e, portanto, mais próximo Dele. Nesse processo, não deveria desprezar a exibição da aparência sofrida e o próprio padecimento como instrumentos de purificação: "Caminha com expressão submissa (...) envolto em saco e coberto o corpo com cilício". (Sin., p. 37)

Nas *Sentenças*, a soberba, ao ser especificamente focada, (Sent., c. XXXVIII, p. 374-376) do mesmo modo que nos *Sinônimos*, identifica-se como "princípio de todos os pecados". Os que nela incorrem estão sujeitos à perda de todas as vantagens decorrentes das eventuais virtudes nas quais tenham perseverado. O orgulho fomentado por tais virtudes implicaria, assim, na transformação de atos louváveis em motivo de desagrado aos olhos de quem verdadeiramente mereceria os elogios, Deus. Tal conduta reprova-se ademais pela sua inerente manifestação de proximidade ao diabo, já que aos que se enaltecem com os próprios feitos, atribuir-se-ia o desejo de imitar o anjo caído. Aliás, a este respeito, cabe lembrar que também nas *Sentenças* a relação entre queda e soberba está presente, embora nesta a falta realçada tenha sido a praticada pelo diabo e não pelo homem, como fora feito nos *Sinônimos* (Sin., p.33; 37).

As preocupações com a ingestão de alimentos nos *Sinônimos* reproduzem o traço observado na abordagem da soberba nas *Sentenças* - que se manterá no enfoque da gula, como veremos adiante -, qual seja, a vinculação entre dois ou mais vícios. Na verdade, ao comentar o jejum na primeira das obras mencionadas (Sin., p. 34-35), Isidoro se dedica, nos quatro parágrafos voltados ao assunto, a discorrer sobre sua influência direta na contenção da sensualidade.⁷ Em linhas gerais, poderíamos sintetizar suas indicações com a seguinte afirmativa: a carne deveria ser mortificada com a escassez de alimentos, o que a tornaria menos disposta à libidinagem.

Nas *Sentenças*, as alusões ao vínculo entre os dois pecados, gula e luxúria, são ainda mais diretas e veementes. Nesse sentido, o sevilhano afirma: "O fogo da luxúria se atíça com os manjares" (Sent., c. XLII, 7, p. 389). Se à soberba atribuiu-se a origem de todos os vícios, a gula foi elevada à condição de responsável pela permanência em tais erros. Afirma-se, portanto, que a condição para superação dos demais vícios só poder-se-ia alcançar após a gula ter sido subjugada (Sent., c. XLII, 11, p. 390). De modo a coibir o prazer potencialmente existente no ato da alimentação, o controle da gula deveria ser tentado com o monitoramento de quatro itens: o tipo de alimento a ser consumido não convinha escolher pelo paladar agradável; o momento do consumo deveria atender às necessidades reais do organismo; a quantidade haveria que se definir como pouca, e a deglutição realizada com vagar. As recomendações desfavoráveis ao consumo de bebidas alcoólicas preservam a mesma lógica. À gravidade da embriaguez, vincula-se ainda a

⁷ Essa opinião está expressa também em sua regra monástica. ISIDORO. *Regula Isidori*. In: *Reglas monásticas de la España Visigoda. Los tres libros de las "Sentencias"*. Introducciones, versión y notas de Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia. Madrid: BAC, 1971. Cf., entre outras passagens: RI, III, p. 93-94 e IX, p. 105.

lembrança de que esta ensejaria distúrbios mentais e a conseqüente perda de consciência pelos pecados cometidos (Sent., c. XLIII, 1-2, p. 391-392).

Conclusão

A despeito dos distintos objetivos e diferentes estilos inerentes a cada uma das duas obras escritas por Isidoro aqui destacadas, a análise de ambas nos permite verificar uma forte interação entre as ponderações feitas à luxúria, à soberba e à gula. A articulação e a abordagem das temáticas evidenciam a coerência e harmonia do conjunto e sugerem a indicação de um dado perfil de cristão, cujo caráter unívoco se estabelece como marca indelével. Concomitantemente, foram constituídos os parâmetros de uma conduta marginal. Esta, em linhas gerais, associar-se-ia à busca incessante da lascívia, decorrente da não resistência aos apelos da carne ao desejar, ainda que inconscientemente, imitar o diabo, figura presente e atenta às fragilidades humanas, à soberba, origem de todos os demais vícios e ao consumo desmesurado e voraz de alimentos e bebidas alcoólicas.

Se as tentações são muitas, se o diabo as promove, se a carne está marcada pela queda, o que caberia ao cristão que, embora transgressor, desejasse se manter na fé? Uma vez identificado com uma atividade marginal ao perfil idealizado, ainda lhe seria possível o alcance da salvação? Evidentemente que sim. Aliás, expressões máximas de assistência espiritual, aqui residem duas das motivações fundamentais à redação destes escritos. Por um lado, a indicação do caminho mais curto ao alcance da salvação, com aconselhamentos sobre o comportamento adequado a seguir. Por outro, diante do risco ou do afastamento eventual da dita trajetória, a recomendação das formas de purificação e elevação da alma, entre as quais as recordações das punições a que estão sujeitos os pecadores, os jejuns e as penitências. Nas palavras do próprio Isidoro: "Todo pecado, graças à penitência, consegue a cura da ferida..." (Sent., c. XL, 6, p. 383).

O discurso eclesiástico pretende conformar o cristão não apenas na indicação direta de normas de comportamento, mas igualmente no seu corolário, ou seja, na definição das práticas remissoras. Independentemente da eficácia alcançada pelas orientações normatizadoras, aspecto que como já destacamos não nos interessa investigar, a iniciativa da proposição vincula-se à implícita, porém constantemente presente, pretensa capacidade desfrutada pelos eclesiásticos de mediar as relações entre os cristãos e a divindade. Assim, no uso de suas prerrogativas, o bispo de Sevilha garante às suas formulações acerca da conduta cristã um papel significativo no processo de compreensão da lógica de reprodução e naturalização da ideologia hegemônica.

Bibliografia:

Documentos medievais impressos:

Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos. Edición Jose Vives. Madrid: CSIC. Instituto Enrique Florez, 1963.

ISIDORO. *Regula Isidori*. In: *Reglas monásticas de la España Visigoda. Los tres libros de las "Sentencias"*. Introducciones, versión y notas de Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia. Madrid: BAC, 1971.

ISIDORO. *Los tres libros de las "Sentencias"*. In: *Reglas monásticas de la España Visigoda. Los tres libros de las "Sentencias"*. Introducciones, versión y notas de Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia. Madrid: BAC, 1971.

ISIDORO DE SEVILLA. De los Sinónimos y *El libro 1º de las Sentencias*. Introducción y traducción por Martín Andréu V. Solís e Juan Oteo Uruñuela. Sevilla: Apostolado Mariano, 1990. (Los Santos Padres, 49).

Bibliografía específica:

BODELÓN, Serafín. *Literatura Latina de la Edad Media en España*. Madrid: Akal/Universitária, 1989.

CUEVAS, Eusebio et DOMINGUEZ DEL VAL, Ursicino. Patrologia Española. In: ALTANER, Berthold. *Patrología*. Madrid: Espasa-Calpe, 1953.

FERRÁNDIZ ARAUJO, Carlos. Isidoro de Sevilla. In: GONZALEZ FERNÁNDEZ, Julián. (Coord.). *San Isidoro: doctor de las Españas*. Sevilla, León, Cartagena: Caja Duero. Fundación Cajamurcia. Fundacion El Monte, 2003. p. 9-42.

FONTAINE, Jacques. *Panorama espiritual del Occidente peninsular en los siglos IVº y Vº: por una nueva problemática del priscilianismo*. In: *Culture et spiritualité du IV^e au VII^e siècle*. London: Variorum Reprints, 1986.

ISMAEL QUILES, S. I. *San Isidoro de Sevilla*. Madrid: Espasa-Calpe, 1965.

MARCELA MANTEL, MARIA. Delitos y pecados en la sociedad visigoda: entre lo civil y lo religioso, lo público y lo privado. *Estudios de historia de Espana*, Buenos Aires, 6, 13-24, 2004.

RECAREDO GARCIA, Bernardo. *Espiritualidad y "Lectio Divina" en las Sententias de San Isidoro de Sevilha*. Zamora: Monte Casino, 1980.

SÁNCHEZ HERRERO, Jose. El pensamiento histórico, escriturístico, teológico y eclesiástico o litúrgico y ascético de San Isidoro. In: GONZALEZ FERNANDEZ, Julián. (Coord.). *San Isidoro: doctor de las Españas*. Sevilla, León, Cartagena: Caja Duero. Fundación Cajamurcia. Fundacion El Monte, 2003. p. 137-169.

VELÁZQUEZ SORIANO, Isabel. *Latine Dicitur, vulgo vocant. Aspectos de la lengua escrita u hablada en las obras gramaticales de Isidoro de Sevilha*. Logroño: Fundación San Millán de la Cogolla, 2003.